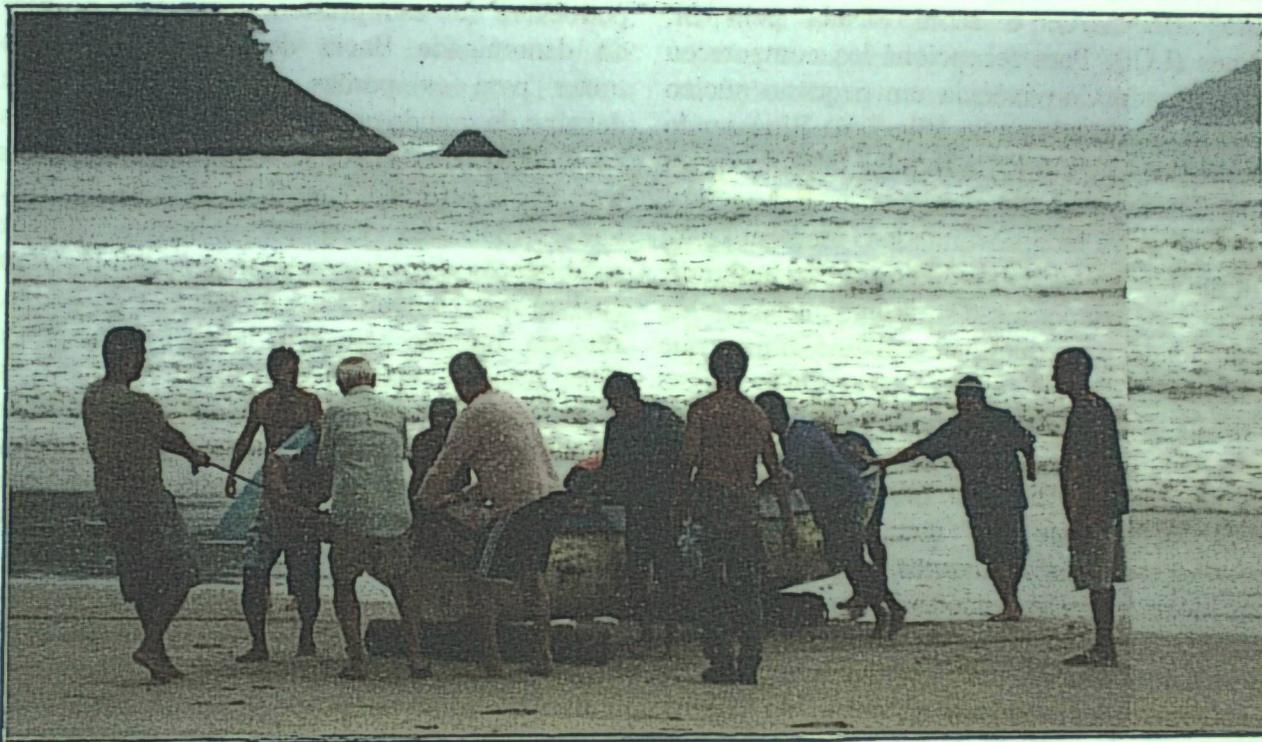


REUNIÃO DO PEA – RIO E MORADORES DE DOIS RIOS
28-09-2013 rumo ao longo do século XXI

Atividade pesqueira possivelmente prejudicada com a exploração petrolífera que propõem



QUEM VIVER VERÁ O QUE VAI ACONTECER COM A NOSSA LINDA BAIÁ AO LONGO PRAZO FACE AOS NOVOS DESFIOS DO SÉCULO XXI. Ontem, como era esperado receber a equipe do Programa de Educação Ambiental (PEA) para a primeira etapa do Diagnóstico Participativo da Comunidade da Vila de Dois Rios no programa. A reunião consistiu numa oficina de levantamentos das necessidades debatidas na discussão, que se travou entorno do relacionamento do morador e o meio onde vive, com apresentação de argumentos e opiniões, em relação aos meios positivos e negativos das condições da vida de ser morador num lugar como este, realizada no Centro de Convivência Comunitário, das 14 às 16 horas. A equipe enviada pela Petrobrás teve como finalidade cumprir a realização do Programa de Educação

Ambiental do Rio de Janeiro, dito “PEA-RIO”, que é uma medida usada para resolver conflitos dentro de áreas exploradas pelas grandes empresas de extração e produção de bens de grande impacto no meio ambiente local onde estão as comunidades afetadas em seus modos de vida.

Processo este conhecido como “mitigação” vem abrandar os ânimos criados pela exploração das áreas do Pré-sal na Bacia de Santos, cujo, tem haver com a Ilha Grande, por ser um ponto geograficamente muito próximo das áreas que formam a tal bacia.

Por muito empenho do Sr. Palmas, editor do Jornal “O Eco”, com sede na Vila de Abraão nesta ilha, a equipe do PEA-RIO chegou até aqui fazendo o seu trabalho exigido pela Lei do licenciamento ambiental federal conduzido pelo IBAMA. Devemos agradecer muito a este

senhor: Palmas. Senão a Vila Dois Rios ficaria de fora da participação das decisões interferentes em nossa comunidade.

Para levantamento sociável dos dados temático do debate a equipe estava composta pela senhorita Márcia (Petrobrás), Érica, e Carlos (IBAMA), e acompanhada pelo Sr. Palmas (I.G.). Para recepcioná-los compareceu ao Centro de Convivência um pequeno núcleo apurado de moradores da Vila Dois Rios, tendo a testa do grupo o Sr. Ezequiel fazendo o seu papel de representante comunitário. E Angélica, também estava lá, aproveitando o momento para tirar apontamentos sobre determinados assuntos, cuja essência fosse argumentação da comunidade para qualquer trabalho futuro que queira fazer, já que ela presta serviços para o Eco-Museu, na Ilha Grande toda, tendo a Vila Dois Rios como o berço do grande projeto do seu trabalho na instituição.

E, nem tanto foi menos proveitoso o encontro, pois, os moradores falaram muito de suas idéias, me parecendo um ambiente bastante versátil, sem ninguém tímido calado, construindo um quadro positivo que ia desde vantagem e desvantagem da opção de vida de morador na localidade de Dois Rios apontando os pontos positivos e os pontos negativos com os quais convivem que, terminou preenchendo todas as planilhas do quadro dito diagnóstico participativo.

- A participação coletiva foi considerada boa entre os participantes daquela reunião, teve como resultado um vasto levantamento que ocupou cinco áreas definidas pela apresentadora do currículo. De forma como iam sendo colocadas as idéias, também ia sendo possível questionar por escrito que, seguira para o relatório a ser apresentado para os analistas da empresa, encarregada do complexo sistema democrático de debate e idéias formadas por comunitários localizados na área de sua residência.

Esse sistema democrático brasileiro é aquele que todos nós sabemos: - Que tudo o que se fala resultará no indefinido nada. Nunca diferente de

uma participação premiada (politicamente) longe de qualquer resultado imediato, de curto ou longo prazo, que traga compensação ao cidadão comum de vida cotidiana de Dois Rios (na Ilha Grande por um todo) ou qualquer outro lugar do país. Depois de uma implantação da exploração petrolífera que está preste a se estender no Mar da denominada Bacia de Santos. Buscando trazer para os porões a riqueza escondida debaixo da grande camada de sal encrostada nas profundezas de nada menos de que 6 mil metros a contar a partir da superfície da água do Mar. Onde podemos esperar alguma grande modificação na vida econômica natural-marinha (peixe) que comemos desaparecendo da região, ou seja, fugindo para bem longe das máquinas das grandes indústrias petrolíferas como a Petrobrás e outras ao longo do tempo que se inicia no Brasil. Daqui a quinze ou vinte anos o mar da baía da Ilha Grande poderá estar modificado pela poluição do escoamento da produção petrolífera.

Isso com certeza vão ocorrer cedo ou mais tarde. O resultado no futuro vai ser como se fosse um terremoto. Diria melhor: um delito à natureza -, mexer com o que está quieto: Que todos sabemos disso. Mas eles vão fazer de conta que não sabiam: Que o delito contra, à natureza não contava. O que mais importa é não saber o que sabe que cometera nem por conta de quem, quem prejudica e a quem a exploração beneficiava. E qual era.

Dentre todos os delitos em causa, o mais poderoso, é aquele que devia se esperar mais. E mais se havia de temer. Por isso com o passar do tempo presente se trama no sentido de tomar o maior cuidado em não agir com demasiada precipitação. Que vão atuar agora colocando em risco a nossa pesca. Que ainda representa a economia da região angrense para muita gente ao lado do Turismo que por certo, também, vai se afastar da região numa escala vertiginosa. Isto, falo não somente como comunitário defendendo a nossa enseada. Mas de um modo geral vai ocorrer nas áreas próximas das áreas de extração da Bacia de Santos.

Agora venha cá, pensando bem: Já que vamos ser prejudicados deveríamos também ser compensados. Com os lucros (royalties) diretamente às comunidades através de suas organizações civis, nada mais justo, porque são representativas como entidades comunitárias incluídas no Plano Diretor do município. Somente para discutir? E não melhoria de vida? E contra tudo isso um não bem grande. E não a distribuição das receitas do petróleo extraída no mar na forma geral como está prevista. Aos estados e municípios não produtores de petróleo. Longe da poluição. Isso desorganiza as vidas das comunidades da orla. Orla marítima onde se pesca e recebe os visitantes do turismo organizado ou independente. E todas, comunidades insulares e costeiras, tem como base econômica as correntes do turismo que vêm à Ilha Grande ou regiões vizinhas.

- Isto é um agravante aos reais povoados. Que uma parcela do orçamento de custeio de sobrevivência local. Em parte, pode se dizer assim: vive em função do mar. Isto é dos chamados Caiçaras. Com seus costumes seculares. Que nunca esquecerão.

As finanças dos povoados da orla marítima os quais estou tentando abordar e dos municípios, especialmente, afetados pela atividade petrolífera. Nunca as autoridades deste país (parlamentares) que empunha a bandeira da distribuição de royalties se deram ao luxo de fazer uma consulta, única que seja. Repetindo: "Às comunidades das orlas marítimas", como as nossas na Ilha Grande, sem falar: Parati, Mangaratiba, Itaguaí, Espírito Santos e etc..

A verdade é que na forma geral de distribuição como está previsto ser feita país a fora atendendo grupos meramente (políticos) sem nada a perder. Simplesmente interessados tirar proveito do momento, digo isso: "do momento" porque mais tarde a situação pode atingir, também, outros estados da orla e até do interior do país. E aí, sentirão, na pele o que hoje se passa com o povo do sudeste e sul na área restrita (capixaba até a região de Florianópolis).

São grupos de governadores e prefeitos do interior do país oprimindo o litoral, deixando

com todos os riscos de problemas que desorganizará a economia das comunidades, principalmente, as de baixa renda localizadas em difíceis acessos. Esta mesma situação se vista com um pouco mais de atenção, se abaterá, como já disse, Brasil a fora, em quase toda orla marítima num futuro... Isto por que como já citei alguns estados do sudeste e sul, a mesma situação chegará ao nordeste por um todo e norte do país, sem dúvida, chegará à vez de passar pelo mesmo problema. Basta citar que mais tarde outras bacias serão descobertas no litoral a entrar em produção. É o caso dos estados de Sergipe, Alagoas, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Piauí e até o estado do Pará daqui a alguns anos. Quem sabe? O estado da Bahia é um caso a parte, pois, reserva à Bahia um passo próximo neste campo minado que surgiu com a descoberta de óleo a grande profundidade.

A situação atual de distribuição de royalties abala a nação; o seu denominado pacto federativo fica com um ressentimento guardado. O reconhecimento desse ressentimento é uma cicatriz que fica para depois, que todos estes estados – orla entrar na questão do afeto em busca da sensatez necessária para selar os arranjos abertos pela distribuição de royalties. Entre estados produtores e os não produtores de petróleo. E, aí se verá que para não desorganizar as finanças dos povoados localizados próximos as bacias petrolíferas há necessidade de compensação em dinheiro para custeio das perdas que, além de tudo tendem aumentar o inchaço populacional. Como exemplo ocorreu em outros tempos do início do desenvolvimento econômico e social do país, o ouro provocou o despovoamento do litoral e o abandono da lavoura canavieira e povoara rapidamente o sertão, porém, é muito diferente com a tecnologia atual, mas não impede o deslocamento populacional voluntário que já está ocorrendo.

Como solução a regra mantinha em vigor sobre os contratos já assinados e assegurava novas condições para o futuro. Isto é, considerando a descoberta de petróleo na camada pré-sal, a produção no mar atingirá um

patamar bem elevado na próxima década. Por outro lado poderá haver disputa judicial, numa lenta coleta do resultado aos estados do interior. Tudo ainda se passa como incerteza para a atividade que se propõe vinda do petróleo. Ainda mais perigoso fica com o risco que nós brasileiros corremos de o petróleo do pré-sal passar, nem todo, mas uma grande parte para os tanques lacrados das grandes potências mundiais. Já que vale a concorrência de quem pagar melhor (conforme fomos informados ali na Reunião). E aí mora a corrupção entranhada no jogo sabendo da impunidade (Brasil não pune ninguém), basta ver a violação do Direito Internacional: os direitos humanos, a soberania dos países e as liberdades civis. Considerando o monitoramento em massa da Agência de Segurança Nacional sobre a espionagem feita pelos EUA sobre a interceptação ilegal de comunicações e dados do Brasil. A invasão da informação tende a ficar por isso mesmo. É o EUA que invadiu o Brasil! Onde um processo na justiça brasileira se arrasta quatro a cinco anos para ser instruído e outros tantos para ser

julgados. O sistema jurídico é amarrado por natureza para demorar e não para rapidez alguma – o processo legal é contra o trâmite rápido – nem a voz da multidão resolve, não vai ser agora a nossa, com um tiquinho de gente na Vila Dois Rios resolver alguma coisa. Alguma coisa que esperamos deste Diagnóstico Participativo do PEA-RIO, realizando as oficinas com os grupos selecionados o qual estamos incluso, com objetivo de identificar problemas ambientais e conflitos relacionados ou não aos empreendimentos, cujo, acabei de falar com uma rápida abordagem geral. Sobre o petróleo e gás natural como subproduto. E não sei se você me entende, mas era a minha intenção defender as potencialidades sócio-ambientais encontradas nas localidades abrangidas e os grupos prioritários da ação educativa, dos grandes exploradores. Esses sim precisam ser educados sobre a minha ótica. Desculpem-me, mas quem viver verá o que vai acontecer com a nossa linda baía ao longo prazo face aos novos desafios do século XXI.

Cabra da Peste

É o peixinho desaparecendo.

O caiçara da região migrando.

Onde quer que esteja parando,

Não vai usufruir do petróleo aparecendo.

Isso tudo senhor presidente,

Está surgindo atualmente.

A sua política não entende a gente.

É a situação que nos coloca evidente.

Tenha parcimônia no consumo e nos gastos,

Lula já foi, melhor seria evitar o leilão de libra e sapinhoá; e o meio ambiente preservar.

Baleia azul, jubarte, caratinga já foram para o ar e o dinheiro está a esbanjar.

- No fundo do mar o óleo é melhor do que nos postos.

Tem muito petróleo e pouco controle para: voador, marlim e martim leste,

Muita gente de olho grande comendo: barracuda, pampo, linguado e trilha.

Está tudo aí: bacia do espírito santos, bacia de campos e a bacia de santos. A riqueza brilha em, Vitória, Rio de Janeiro, são Paulo, Curitiba e Florianópolis. Cabra da peste!?

EXPEDIENTE

OS TEXTOS e ILUSTRAÇÃO – são da inteira responsabilidade de Hotair, Rua Paraná, nº. 09, Vila Dois Rios, Ilha Grande, RJ.